PROPRIETÁRIO
Clube Cult. e Rec. de Carapito

SEDE

Carapito - Aguiar da Beira

DIRECTOR

Francisco Paixão da Cruz

REDACÇÃO E ADMINISTÃO Bida Quintinha Lote C - 8 1º E Povos Sti Adrião 2675 Odivelas



CARUSPINUS

O jornal de Carapito

150 EX.

205

IMPRESSÃO:

COPIMATE - Campo Grande, 294-A 1700 LISBOA

ANO I NO ARRIBO

BIMESTRAL

EDITORIAL

Este jornal é bimestral, isto é, sairá de dois em dois meses. Todavia, e da do o atraso verificado no número anterior, é a partir de agora (Abril), que se dará inicio a essa periodicidade. Como os leitores poderão ver neste número, estamos já a fazer um esforço no sentido de apresentar temas de ma ior interesse para todos. Esperamos poder melhorar cada vez mais o conteúdo destas páginas, para o que os nossos redactores estão já a dar o melhor do seu esforço, dedicados exclusivamente, ao intere sse da colectividade. Uma das funções deste jor nal é levar ao conhecimen to dos que estão ausentes, quer em Portugal quer no estrangeiro, as realizações que se pretendem con cretizar, bem como um resu mo das noticias que consi deramos de interesse para todos. (Cont.na pág.8) -

HOJE

VAMOS FALAR DE...

OLEITE

Ordenha ou mungição manual

Na ordenha manual há
todo o interesse em que
seja sempre o mesmo va
queiro a ordenhar pelo
conhecimento que tem
dos animais, os que es
tão sãos e os que estão doentes. Durante a
ordenha o ambiente de-

ve ser de calma, sem barulhe para que o animal não retenha o leite. Deve colocar-se sempre do mesmo lado da vaca, do direito. Deve sentar-se no conhecido banco da ordenha, sendo recomendá vel que o mesmo tenha um só pé e esteja preso por correias à cintura, de forma a poder-se des locar sem tocar no banco que anda sempre preso a si. Depois de presa a cauda e lavado o úbere e, sem encostar a cabeça ao animal para que não caiam pêlos no leite, deve proceder à massagem da mama, com ambas as mãos, de forma a fazer o apojo provocando a descida do leite.

A vaca descentrai-se e consegue-se o mesmo em se de se d

to do vitelo enquanto mama: dar cabeçadas no úbere da vaca. Uma vez começada a ordenha não deve ser interrompida. Deve começar-se lenta



pois para terminar com uma massagem suave.

Normalmente, ordenha-se duas vezes ao dia, com
intervalos iguais de tempo. (Cont.na pág.8)-

Lê...mas não esquecas -

Amigo, lê mas não te esqueças. Não esqueças que lês um jornal feito para ti com o esforço e dedicação dos teus conterrâneos. Não esqueças que este jornal está a ser custeado com os poucos recursos do CCRC, provenientes, quase sòmente, de alguns donativos que estão a esgotar-se. Repara que nós não queremos ser heróis nem ficar na história. (Cont. na pág. 8)

Carapito ESTÁ MAIS POBRE...

Conterrâneo amigo, se ainda ignoravas, aqui tens a notícia:a CERCA foi cortada. Cortada não interessa por quem nem porquê, pois se algum réu houvesse que existir, esse réu seria o povo de Carapito, seríamos todos nós que fomos testemunhas caladas de um crime cometido contra nós próprios e os nossos filhos. Quando desceres a ripa, e olhares em frente, não verás mais as frondosas copas das altas e seculares árvores que elegantemente, ali estavam antes para te dar as boas-vindas. Sem darmos por isso, ao entrarmos na estrada da CERCA, era sempre uma reconfortante sensação de quem entra na sua própria casa, era sempre uma saudação amiga. Quantos não terão recebido, gratuitamente, nos dias quentes de Verão, a sombra e a aragem frescas que se desprendiam daquelas folhas largas, renovadas ano após ano, exalando sobre uma vasta área, aquele perfume naturalmente delicioso. Quantas gerações, antes de nós, não terão saboreado essa agradável sensação? Não te pergunto se ficas alegreou triste, apenas quero expor-te os motivos que me levam a escrever estas linhas. A CERCA não era uma mata como outra qualquer, que se planta para cortar 20 anos mais tarde. Era uma floresta muito antiga que, de certo modo, admirávamos quase sem dar por isso. Ela abrigava quase toda a povoação das ventanias fortes do Inverno e amenizava osdias tórridos do Verão. As chuvas e as secas têm muito a ver com a proximidade de grandes massas de árvores, por isso o clima de Carapito virá ser, sem dúvida, bastante afestado. As árvores são grandes produtoras do oxigénio que precisamos para respirar. Cada homem consome por dia, o oxigénio produzido por três árvores de tamanho médio. Porventura, ninguém sabe quantas árvores havia na CERCA mas, certamente, eram uma grande fábrica de oxigénio. Não falando ainda no que de belo tinha aquela floresta não só para a vista, mas também na dignidade que inspirava aquela grandeza imponente, acumulada através dos séculos.

Sabemos todos, melhor ou pior, a história dos últimos anos da CERCA, porém, temos a certaza que haveria processos de, sem prejudicar ninguém, evitar a morte daquelas árvores. Processos cujos custos teriam talvez, e em parte, de ser suportados pelo povo de Carapito, mas perguntamos:

NÃO TERIA VALIDO A PENA? Podemos inventar todos os motivos para justificar o corte das mesmas, mas por mais que procuremos não encontramos qualquer motivo de ordem social e colectiva.

(Cont. na pág.5 1)

DESPORTO

Em 17/2/80, jogo no campo dos Mosqueiros. Resultado; Carapito 1 - Queiriz 4

O golo de Carapito foi marcado por Sertório Primeiro jogo que a equipa jogou desde o passado Verão. Partida equilibrada na primeira parte. Na segunda metade, Qeiriz dominou e marcou.

Em 24/2/80, jogo em Queiriz.

Resultado: Queiriz 4 - Carapito 2, com 2-1 ao intervalo. Os golos de Carapito foram metidos por Nando e Belmiro.

Jogo bem disputado e bastante equilibrado, sendo o desnível em golos provocado por dois tentos fortuitos da equipa da casa.

Carapito já desenvolveu melhor futebol e a falta de sorte foi, sem dúvida, um factor importante neste jogo. De assinalar o espectacular golo de Nando, o mais jovem elemento da equipa.

Em 9/3/80, jogo em Maceira. PERDER SIM MAS NÃO DESTE MODO...

Resultado: Maceira 3 - Carapito 2, com 1-1 ao intervalo. (cont.na pág.4)

Golos do CCRC: Rogério e Carlitos.

Passado e Presente! UM HOMEM... UMA VIDA!

Os rebanhos pastavam pelos verdes lameiros da Confraria... Os pastores agrupados conversavam com alguém que segurava uma enxada e começava a cavar um largo poço. O diálogo não estaria ainda estabelecids, pois as perguntas, quase sempre desnecessárias por serem visíveis as respostas, ainda continuavam:

- Então tio Zé, grande cepo, hem!

- Grande "sepo", rapazes, grande "sepo"!

E o bom homem vergou-se novamente na árdua tarefa, procurando extrair do ventre da terra os pés dum gigante que havia ali vivido centenas de anos. O corpo, esse tinha morrado, depois de trezentos anos para nascer, de outros tantos para viver, quedava-se, agora, nos últimos, pois que havia de esperar se não também o seu fim! Agora aqueles pés fincados na terra, dende sugara outrora a vida dos seus rebentos, iam ser feridos por aquela figura não menos gigantesca. Quem não conhece o homem?

- Mas, olhe lá, é preciso começar tão longe da raíz para a arrancar? Como uma torre que se ergue por si mesma do solo e parece não mais se endireitar, assim aquele homem esticou as pernas e levantou tronco e cabeça

num só bloco, para responder na sua voz arrastada e feita de "ss".

-"Rapases"!... Que sabeis vós, "rapases"? - Nada! Eh, "rapases" é preciso "faser-lhe" grande "prassa, rapases", grande "prassa"!
E apontava o seu trabalho lento, mas pensado. O nosso homem, está bom de
ver, era o mesmo das bugigangas, artista no ferro velho, caixeiro e pastor: O TIO ZE DE AGUIAR.

Por mais estranho que pareça, este homem liga-se a uma realização na indústria da nossa terra: a panificação. Para quem esqueceu foi, em parte, sobre a sua velha casa, que nasceu a padaria de Carapito. Bom pão centeio apreciado por toda a gente, aquele que ali se fabrica por mãos de hábeis padeiros que, à parte dessa produção, também contam as anedotas e histórias passadas em tempos que já lá vão... e não vão!

Foi, estão a ver os leitures, naquele local, entre bolos da Páscoa e biscoitos, de que vos hei-de dar a receita, que foram contadas famosas histórias do valente tio Zé de Aguiar. De Aguiar está dada a explicação, mas valente veremos porquê... continuemos a nossa história.

(Cont. na Pág.4)

(O ESTRUME) -

Todos sabem que os terrenos para produzirem o que comemos têm de ser devidamente estrumados. Modernamente, utilizam-se os adubos, que podem ser de origem quimica e orgânica. Nas aldeias, porém, mantém-se o costu me de utilizar o mato como forma de os recompor e até enriquecê-los do ponto de vista orgânico. E sabido que a má utilização de adubos torna os terrenos estéreis. Na nossa zona, é costume adubar-se a terra e enterrar estrume juntamente.

ManhE cedo, enquanto o relo da Sta. Luzia ainda cobre a serra e, na aldeia, o vento sopra com força, vindo das portas pequenas mas escancara das das janelas, na Revolta, lá iamos nós pela Regateira, pelo caminho da Pontinha, pela Cerca ou pelos Moinhos, em direcção à Sernada, à Quinta, à Fraga ou ao Reimoiro. Quando saíamos do vale e nos embrenhávamos nas ma tas o vento amainava, mas, nem por isso, o frio diminuia. E, quando entrávamos no nevoeiro, não se via um palmo à frente do nariz, como se costuma dizer. Todos os arbustos de pequeno porte servem para ser utilizados como estrume. Na nossa terra, utiliza-se o sargaço, o rosmaninho, o feto, o to jo, a giesta e também se aproveita a caruma dos pinheiros, embora a sua qualidade seja muito fraca. O tojo, considerado o melhor arbusto para estrume, é pouco abundante na nossa terra. A giesta é o mais utilizado. Por todo o lado, as encostas cobrem-se de giestas grandes e pequenas que gervem muitas vezes, de abrigo aos coelhos e às lebres. E, quando muito espessas, poderão esconder um qualquer trabalhador que se afasta dos seus amigos dizendo:

O CCRC entrou disposto a ganhar esta partida e se não fossem os imprevistos estou certo que isso teria acontecido. De início acautelou bem a defesa e depois partia para o contra-ataque, com bolas corridas e sempre com a marca de perigo, com boas aberturas pelos flancos, com cruzamentos para a área. Foi com uma jogada deste género que oCCRC se adiantou no marcador. Maceira reagiu apoiada pelo seu público e conseguiu o empate antes do intervalo.

Na segunda parte, o CCRC entrou com a mesma disposição e novamente se colocou na posição de vencedor. Assim se manteve durante grande parte do encontro, até que... bem, até que a 10 minutos do final aconteceu o que ninguém previa. Confusão na defesa provocada por um jogador nosso, o árbitro manda marcar falta contra o CCRC e inexplicavelmente, Artur sai do terreno, sem como nem porquê... acontece o golo do empate resultante desse livre.

Carapito com 10 jogadores, Maceira com apoio, chegou o misur nuto 90, o árbrito procede o descontos, o golo "vinha a caminho da balisa carapitense e... entrou. Foi o fim. Aliás, o encontro termis nou com a bola no centro do terreno.

Em 16/3/80, jogo de SOLTEIROS E CASADOS, não contra mas unidos. Resultado desconhecido em jogo bastante conhecido dos nossos leicores. Um jogo que além de treino é de confraternização com os nossos mais revelhos, de conhecimento e descoberta de novos homens para a equipa que habitualmente veste as cores de Carapito.

Em 23/3/80, no campo dos Mosqueiros, CCRC 7 - Aldeia Nova 3
BOM FUTEBOL NUM JOGO DISCIPLINADO, com 4-2 ao intervalo.
Golos do CCRC: Belmiro (3), Artur (2), Rogério e Carlitos.
Pelo resultado já se deduz o que vou escrever: Carapito jogou bem, marcou melhor, não teve falta de sorte, tudo correu às mil maravilhas.
Não. Não foi bem assim. Mas foi quase assim. Carapito jogou bem durante alguns períodos e descontrolou-se noutros e foi por isso que sofreu 3 golos. Jogou melhor quando em conjunto do que quando os brilharetes individuais floriram no campo.

(Cont.na pág.6)

(Cont. da Pág. 3) --- UM HOMEM ... UMA VIDA!!

- Pois é"rapases", é"presiso" ser valente p'ra isto, p'ro trabalho e p'ro mais.
- Para mais o quê, para remendar as calças, as camisas e arrastar estes tamanções?... - Apontava um e todos galhofavam.
- Pois "vossés" brincam... eu vos digo como se passou: vejam"vossés" que um destes dias, ali mesmo detrás da "SERCA" um lobo entra-me no "sibeiro" e agarrou-me um borrego. Sabem lá o que eu "fise", seus pastores do "dianho"?... O Casimiro rematou logo, julgando adivinhar:
- Meteu-lhe a mão pela boca dentro, arrancou-lhe a língua e matou-o, ora essa! Não me disse o tio Cantiga?!
- Nada disso homem, nada disso! E gesticulando continuou..."Arregassei" as mangas, fui-me direito ao bicho que não podia saltar as"canselas",
 deitei as mãos às pernas do borrego, e tanto puxámos... tanto puxámos, que
 foi um para cada lado com sua metade do borrego!!

Eles riram, gargalharam e deram vivas à proeza, porém; o cavador, mais sério, repetiu as cenas mais gloriosas da vibrante luta com o carnívero. Mas ele sabia-as... Oh! Se sabia! Tinha sido ferreiro em Tabuaço, terra de muito jerico, havia lá ferrado muitos. E onde fora também caixeiro.

- Caixeiro de que loja, tio Zé de Aguiar?

- Caixeiro da caixa, tá de ver! Tocava caixa na música de "Tabuasso"! (Cont. na Pág. 5)

(Cont. da Pág. 4) recordar. . . É VIVER!!

Ovelhas e cabras iam para a corte e por entre os castanheiros do souto saíam as quadras que os pastores cantavam e ainda hoje ouvimos à lareira, nas tavernas e nas ruas:

A burra do tio Zé de Aguiar Tentou e foi p'ro Brasil. Soltou-se e foi p'ra cevada, Encheu a malvada, esticou o pernil.

Ele ia p'ra Aguiar, Mas só chegou ao Eirado. Teve de trazer a burra, ó ai! E deixou lá ficar o carro! Foram a enterrá-la, No poço do "Tonho" Martinho Não dava nem sequer água, E agora até dá vinho.

Adeus, ó vila de Aguiar Ali logo à entrada, Onde a burra do tio Zé Gí; G ai! Ficou sepultada.

Viveu assim um homem que fez a sua vida aqui e ali, de tralhas e bugigangas, enchendo-a de fantasia para os outros e de pobreza na sua própria
existência. Sem pataco para médicos e remédios, da sua fortaleza se deixou
cair no leito, por entre a traficância da sua pequena casa térrea. Assim
foi morrendo aos poucos, na caridade dos vizinhos e amigos, até que um dia
de tradicional alegria, o desapegou da sua casa, da terra e da vida: ERA
DIA DA CARNAVAL, dia em que, ano após ano, eram entoadas as quadras da burra manhosa.

Tudo isto foi lembrado na padaria e eu pensei que nem vos deixareis

esquecer quem por ali passou!...

A. J. PAIXXO LOPES

(Cont. de Pág. 2) O CORTE DA CERCA *

Apenas razões de ordem individual estiveram na base de tal decisão. O problema não está em a CERCA ter sido comprada, pois em cada um deunos existe sempre um maior ou menor grau de individualismo. Por isso, uma sociedade elege as suas organizações representativas, para que elas não permitam que os interesses individuais prejudiquem os colectivos. O pro blema está sim, em ter sido vendida, pelo simples facto de que essas organizações não funcionaram. A ser vendida deveria ter sido o povo a adquiri-la. Não seria o lugar ideal para um parque como tantas terras têm, e de longe muito mais belo do que muitos, que são considerados de interesse nacional? Quem se preocupou em tomar iniciativas? Que nós sai bamos, muito poucos, e sem força nem material nem representativa, para as poder concretizar. E ainda houve quem ousasse critica-los! Quem deveria ter tomado essas iniciativas? O nosso povo que responda! Porque não se tomaram? Cada um de vós terá uma resposta diferente, porém, nós diremos que aqueles que podiam e deviam fazê-lo, não tiveram coragem suficiente para encarar o futuro e não quiseram abdicar das suas posições comodistas. Diremos, com tristeza, que não há em Carapito, homens de "wistas largas". Já os houve, e foram até espezinhados, mas lutaram por aquilo que julgaram ser melhor para o seu povo. Mas esses ficam na história! A CERCA deixou de existir e, de um conjunto de árvores imponentes, que formavam uma floresta de rara beleza e frescura, e nos acolhiam com a sua ancestral hospitalidade, restará talvez neste momento, um conjunto de troncos sem identidade própria, desligados da terra onde durante séculos foram admirados e respeitados. Por tudo quanto fica dito,não podiana Direcção deste Jornal deixar de expressar aqui, clara e inequivocamente, a sua posição sobre o assunto, para que os vindouros saibam do crime que em 1979, o povo de Carapito cometeu contra a natureza e contra si préprio.

-Vou as giestas.

O estrume é um dos principais motivos das canseiras das nossas gentes e do encarecimento do produto final, do ciclo produtivo do cultivo da ter ra. Na serra, é cortado, ramo a ramo, e engavelado. Depois é carregado no carro de bois ou no tractor. Em casa, é descarregado no pátio, na quinta ou em qualquer recanto da rua onde, por vezes, é espalhado para tapar os buracos lamacentos do Inverno. Aos poucos, é atirado para as lojas das va cas, dos porcos ou das ovelhas. Daí, depois de curtido, é retirado, agora mais pesado e mal-cheiroso e carregado, de novo, afim de ser levado para as Boiças, a Regada ou os Bacelos, onde é amontoado na moreira aguardando aí a chegada da Primavera. Quando as terras enxugam, no mês de Abril, mais uma vez, o estrume é carregado, para ser distribuído pelo terreno. Finalmente, é espalhado e, logo de seguida, é mergulhado nos regos abertos pelo arado lentamente puxado pelas pachorrentas vacas amarelas que, leiva após leiva, deixam atrás de si a terra virada do avesso iniciando, assim, um novo ano de duro trabalho agrícula.

futebol (cont. da pag. 4)

Em 30/3/80, Forninhos 4 - CCRC 2, com 2-2 ao intervalo.

Golos de Carapito: Alcides e Toninho.

Bastante desfalcado apresentou-se o CCRC em Forninhos com vontade de vencer. A primeira contrariedade viria antes do encontro, quando os jogadores observaram o campo onde teriam de jogar, sem dúvida, sem as minimas condições, tanto em medidas como no terreno. A melhor adaptação ao terreno por parte dos donos da casa, permitiu-lhes a prática de melhor futebol que foi transformada em dois golos unicamente possíveis em terreno daquela natureza. O CCRC reagiu e conseguiu a igualdade que se verificava ao intervalo. Na segunda parte como a empate não servia aos visitantes, aliás, aos visitados, o árbitro valida um golo de livre indirecto e um outro que foi marcado com a mão em cima das "barbas" do árbitro. Isto depois de ter anulado um golo a Artur que poria a equipa do CCRC na situação de vencedora.

No final a confraternização apagou um pouco os "acidentes" do encontro esperando que os mesmos não se venham a verificar quando os visitados nos visitarem no dia 13 de Abril.

Em 6/4/80, novamenteSOLTEIROS E CASADOS

Resultado: Solteiros 8 - Casados 3 Os Mosqueiros estiveram em festa, com a realização deste fabuloso encontro no dia de Páscoa. Comoparece ou deixa parecer o resultado, o jogo não tão fácil para os solteiros como parecia. Os casados elaboraram boas jogadas e só não as concretizaram devido à má forma dos seus avançados, com aquelas varizes e aquelas pernas a pedir bengala e à boa actuação de um novo valor na nossa baliza: aqueles 185 cm do Carlos do Tio Viriato bem aproveitados davam um grande "goleiro". Isso ficou bem demonstrado com a defesa daquele penalty e não só... Conseguiu até resistir às promessas dos casados que lhe ofereceram, como suborno, uma garrala de cerveja por cada golo que deixasse entrar na sua balisa. De resto, o jogo correu normalmente, embora os casados nunca tivessem baixado os braços. Aliás os casados e os solteiros apenas baixaram os braços e levantaram logo a seguir, aquando do beber da cerveja na taberna do Chico. Aí sim! Os casados pagaram porque o jogo foi de aposta, mas a beber mostraram que ainda conseguem bater os mais novos.

No final, a alegria de uma tarde de farra à boa maneira da malta cá da casa. Carlos A. Paixão Lopes

noticias.

REGIONAIS

Vai ser instalado na Guarda um distrito piloto de ataque a incêndios. Esta decisão foi tomada, pelo flagelo que representa o desaparecimento, todos os anos, de milhares de hectares de matas, na nossa região na época estival. No limite dos Concelhos da Guarda e de Celorico da Beira, vai ser construido um aerodromo. Este empreendimento tem a comparticipação dos países da CEE.

Prosseguem os trabalhos de estudo do Plano Geral de Urbanização de

Aguiar da Beira. Neste Plano, está incluído também o estudo e a apreciação dos valores culturais existentes no Concelho. Talvez caiba aqui uma palavra de chamada de atenção para os responsáveis pela edilidade, no sentido de serem aproveitadas as possibilidades que, por toda a parte, se oferecem, para o desenvolvimento do turismo, aspecto pelo qual nunca ninguém se interessou.

×

Na semana passada (meados de A-bril), houve alvoroço em Aguiar da Beira. Com efeito, segundo notícias divulgadas pela imprensa e pela Televisão, os vereadores da Câmara demitiram-se colectivamente, em virtude de não se ter ainda efectuado uma inspecção à Câmara exigida em reunião no passado mês de Fevereiro. Os vereadores pretendem demarcar-se, assim, da posição do Presidente da edilidade. Aliás, aquando das últimas eleições, já a reeleição do actual presidente es-

teve em perigo, dada a contestação, que suscitaram algumas actuações menos correctas da sua anterior gestão. A sua recandidatura tinha mesmo a oposição de alguns colegas de partido a que pertence. Será de recordar aqui o que se passou em Carapito, relativamen te à ampliação do cemitério velho. Desejamos, no entanto, que estes problemas sejam sanados o mais depressa possível, para bem de toda a comunidade do Concelho.

LOCAIS

Carapito continua a evoluir. A televisão a cores recentemente inaugurada no nosso País já cá chegou. E um regalo.

A estrada de Vila Novinha está a ser pavimentada. As obras já se iniciaram. Desta vez, sempre é verdade. Já está previsto passar por ali uma car reira. Este melhoramento, sem dúvida, contribuirá para o desenvolvimento da nossa terra e o aumento de tráfego poderá originar maior riqueza para quem se souber aproveitar.

*

Para a Suíça partiram o Virgílio Ferreira Caseiro, seu irmão Francisco Caseiro e o Fernando Almeida Nunes. A todos muitas felicidades.

CASARAM

NASCIMENTOS

Lurdes dos Santos com Virgílio Varandas.

Aurora S. Campos com o Victor

Subitamente, faleceu o Sr. João Caseiro. CARUSPINUS apresenta sentidas condolências a toda a família. Ana Isabel, filha de José Francisco Caseiro e de Ilda Caseiro. António Carlos, filho de Regina Tenreiro e José Armindo Ramos. António Carlos, filho de Maria de Lur des Santos e Alfredo dos Santos.

EDITORIAL

(Cont.da pag.1)

Para esse fim tem sido dirigido o esforço de ag guns de nós, sem qualquer interesse material, mas apenas com intenção de sermos úteis à colectividade de que fazemos parte mais directamente, o povo de Carapito.

Esperamos que este nosso objectivo seja plenamente atingido, para o que consideramos muito impor tante o apoio dos nossos leitores.

Lê... mas

(Cont.da pág. 1)

Somos, muito simplesmen te, um grupo de amigos da nossa terra com uma vontade enorme de fazer algo por ela.

Pretendemos que os que lá estão ou vierem a es tar, nela encontrem alguma coisa mais que o lugar onde prestam o tra balho suado de uma vida dura. Nos fomos, tal co mo tu, amigo leitor, nai cidos e criados naquele pedaço de terra a que alguém um dia decidiu chamar Carapito. Para nós não é um lugar como qualquer outro, mas

sim um povo com características e raízes próprias que todos devemos conservar e de senvolver. Não te esqueças caro amigo, que és tu, somos nos todos que temos o dever de pôr de lado o eguísmo das nossas vidas, para pensarmos um pouco no nosso povo. Tal como nós não ficarás na história mas ficarás, isso sim, satisfeito contigo próprio e terás a gratidão digna daqueles que virem a obra para a qual deste o teu contri buto. Amigo leitor, temos neste momento um grande projecto: é a construção de uma se de para o CCRC de modo a permitir o desen volvimento de actividades culturais, recre ativas, assistência médica, etc. Será o lo cal de convívio para todos os carapitenses. Esperamos pelo teu donativo.

Nunca se deve mistu ETE (Cont.da pág.1) com o da tarde. No caso de animais atacados de mamite os tetos doentes devem ser ordenhados mais vezes, mas sempre com intervalos iguais afim de se expulsarem os ger mes que os infestam. Os animais doentes devem ser os últimos a ser ordenhados. Com o aumento do número de ordenhas obtém-se maior quantidade de leite, mas este aumento não compensa o trabalho que se tem. Só em vacas de produção excepcional deverá ser utilizado esse processo. A ordenha pode ser feita de duas maneiras: um teto de cada vez ou dois tetos ao mesmo tempo. O proprimeiros jactos de leite devem ser lançados à

cesso mais indicado é o de dois tetos em cruz. Os parte numa vasilha que só servirá para esse efeito. Isto por causa da grande quantidade de micróbios que esse leite contém. O primeiro leite tem pouca gordura, a qual vai aumentando até ao final da mungição. Logo que os animais são ordenhados, o leite deve ser transportado para fora do estábulo, para um sítio fresco, colocando a vasilha em água corrente fria. Desta forma procura-se re tardar o desenvolvimento dos microbios; mas cuidado, o leite fixa os cheiros. O leite produzido em boas condições higiénicas é uma fonte de saúde.

BEBA LEITE, DE LEITE SADIO AOS SEUS FILHOS.

Coordenação de Afonso Tenreiro

Um jornal não deve apenas relatar a noticia tal como é, mas fazer também com que as pessoas figuem suficientemente indignadas a ponto de quererem tomar alguma providência.__

F.C.

Mark Twain

DONATIVOS

PARA A SEDE

MANUEL DA ZEFA..... 500\$ VASCO ALMEIDA 50\$ FERNANDO N.CASEIRO... 500\$ A.F.CASEIRO MARQUES... 000\$ FRANCISCO P.CRUZ1 000\$ AFONSO TENREIRO 000\$ FERNANDO TENREIRO.... 500\$ ANTONIO A.S.PAIXÃO...1 000\$ TOTAL..... 5 550\$

ESPERAMOS O TEU DONATIVO!!

Podes enviá-lo para a direcção deste jornal, por cheque ou vale de correio.

O CCRC E O POVO DE CARAPITO DESDE JA TE AGRADECEM!